

A avaliação e o compromisso do aluno com sua aprendizagem

Kátia Stocco Smole

Coordenadora do Mathema- SP

Dra em educação – área de ensino de ciências e matemática pela FEUSP

Não nos é estranha a afirmação de que os alunos não têm compromisso com sua aprendizagem. Todas as pessoas que de algum modo já passaram pela escola, seja como professoras, formadoras de professores, pais e mesmo como alunos, já ouviram essa afirmação.

Faz algum tempo que temos pensado a respeito disso e tentado entender porque, em um certo sentido, a afirmação sobre o descompromisso com a aprendizagem não é de todo equivocada.

De fato, ainda que não possamos generalizar não é difícil perceber que muitos alunos recebem passivamente as avaliações e seus resultados, ou que ficam à espera de que alguém os ajude com suas dificuldades. Raramente vemos um aluno, que sem a iniciativa alheia planeja, discute, questiona sua avaliação.

Fácil seria constatar que estamos diante de uma geração de alunos descompromissados, desinteressados, apáticos, sem vontade, que nem ao menos sabe porque está na escola.

Mas será mesmo isso? Devemos mesmo achar justificativa tão simples para o descaso do aluno? Nada teria a escola com esse comportamento? Poderíamos achar que geneticamente os alunos de toda uma geração ficaram marcados, nasceram sem o gene do compromisso com sua aprendizagem? Acreditamos que não é bem assim.

De certo modo eles aprendem esse desinteresse na escola, em pequenas e freqüentes ações que a escola faz, como por exemplo, quando o aluno é submetido a uma avaliação por parte do professor, que depois comunica os resultados, comenta os problemas, reclama dos defeitos, não com o aluno, mas com pais e outros professores.

Dessa forma o aluno é o último a saber sobre ele mesmo, e desde a educação infantil será tutorado, protegido, poupado, desinformado de como e porque a aprendizagem é responsabilidade sua. Como esperar então, a longo prazo, um comportamento

comprometido desse mesmo aluno? Seria outra questão de genética? Compromisso é inato ou aprendido?

Em nossa opinião, não se é comprometido, se está comprometido com aquilo que nos pertence, que nos interessa, pelo que desejamos zelar. Nesse sentido, se desejamos que o aluno seja tutor de sua aprendizagem devemos partilhar com ele a responsabilidade por sua avaliação desde cedo.

Uma forma de fazer isso é definir procedimentos para a avaliação que ensinem o aluno a ver e ver-se no processo de ensino e aprendizagem, a perceber seus avanços, suas necessidades, suas aprendizagens, suas dúvidas.

Cabe ao processo avaliativo permitir uma visão ampliada sobre o processo de trabalho em aula, proporcionar meios para alunos e professores dialogarem sobre aprendizagem e o desenvolvimento de cada um, encorajar os alunos a comunicarem sua compreensão, suas dúvidas sobre o conhecimento, com um nível cada vez mais elevado de proficiência.

Definitivamente, é preciso ultrapassar o modelo de avaliação meritocrática, classificatória e pontual de modo a evitar uma cisão entre ensino e aprendizagem. Uma tal superação não ocorrerá enquanto nossa preocupação, como professores ou instituição, estiver centrada na busca por um rendimento máximo dos alunos em direção a uma série fixa de objetivos que racionalizam o ensino, mas dão a impressão de que o saber é fragmentado em compartimentos estanques, que ano a ano vão constituindo-se em subtotais que devem ser adicionados uns aos outros.

A avaliação se constitui entre todos os envolvidos, como um inventário de um processo vivo, intenso e complexo. Professores e alunos estabelecem laços de colaboração e parceria, sendo que ao aluno os saberes escolares terão o significado de beneficiar o alcance das metas, possibilitar a aprendizagem.

Outro aspecto inerente à avaliação é sua necessária transparência, em oposição ao mistério que ronda a avaliação tradicional, especialmente no referente à forma como os alunos se percebem sendo avaliados. A avaliação deve ser vista como um processo compartilhado, que possibilita que todos nela envolvidos analisem os rumos do projeto pedagógico e de seus projetos pessoais constituindo-se como um sistema de apoio e orientação para as aprendizagens individuais e coletivas, bem como para a formação pessoal dos alunos.

Nessa perspectiva, o valor da avaliação não é econômico, monetário, não pode situar-se em uma troca entre ações docentes e resultados conseguidos pelos alunos como se isso fosse uma mercadoria, mas está na origem de escolhas cruciais, não se referindo à ordem ou à medida das coisas, mas às exigências de justiça, equidade, dignidade e ao direito de aprender.

SMOLE, Katia Stocco (2001). *Inteligência e avaliação: da idéia de medida à idéia de projeto*. Tese de doutorado apresentada á FEUSP.